

*Vira um dia carregado de oiros,
Marfins e pratas que do céu herdou,
O Rei menino que se foi aos moiros,
Que foi aos moiros e ainda não voltou.
Tem olhos verdes e cabelos loiros,
Ah, não se enganem, (ainda não chegou)
Virá El-Rei Menino do Estrangeiro,
Numa certa manhã de nevoeiro...*

António Nobre in *O Desejado*

*Cruel, egoísta, bronco, torpe. Não fora rei
(cujos caprichos, acatados, podem trazer consequências trágicas)
e seria um bobo de nos estoirar a rir.*

António Sérgio in *O Desejado*

Título: Quatro Manhãs de Nevoeiro
Autor: José Viale Moutinho
Posfácio de António Cândido Franco, Flavio Garcia e Maria de Fátima Marinho
© 2016, José Viale Moutinho e Edições Afrontamento
Edição: Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt / comercial@edicoesafrontamento.pt
Imagem da capa: Antonio Gonzales Velázquez, *Auto-Retrato* (Pormenor)
Colecção: Fixões / 82
N.º de edição: 1728
ISBN: 978-972-36-1501-2
Depósito legal: 414417/16
Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. - Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt
Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt
Setembro de 2016

Loucura produtiva, loucura essencial para a criação de um imaginário inesgotável, capaz de gerar múltiplos discursos, que se entrelaçam numa circularidade espiralada.

Fevereiro de 2016

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AMAR SÁNCHEZ, Ana Maria (2010), *Instrucciones para la Derrota – Narrativas éticas y políticas de perdedores*. Barcelona: Anthropos Editorial
- CAMPOS, Fernando (2000), *A Ponte dos Suspiros*. Lisboa: Difel
- CASTELO BRANCO, Camilo (1966), *O Senhor do Paço de Ninães*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira [1867]
- FRANCO, António Cândido s/d [1993], *Vida de Sebastião Rei de Portugal*. Lisboa: Publ. Europa-América
- GARRETT, Almeida (1966), *Frei Luís de Sousa, Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, Vol.2, 1065-1157 [1844]
- LOBATO, Manuel Pereira (1875), *A Queda d'um Gigante*. Lisboa: Lucas & Filhos Editores
- LOBATO, Manuel Pereira (1876), *Estandarte Real*. Lisboa: Lucas & Filho Editores
- LOBATO, Manuel Pereira (1901), *Os Fidalgos do Coração de Ouro*. Lisboa: Empreza da História de Portugal [1872]
- LOBATO, Manuel Pereira (1902), *A Baroneza de la Puebla*. Lisboa: Empreza da História de Portugal [1875]
- MARINHO, Maria de Fátima (2005), *Um Poço sem fundo – Novas Reflexões sobre Literatura e História*. Porto: Campo das Letras. 405-429
- MESQUITA, Marcelino (1908), *Os Quatro Reis Impostores*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand
- OSSOLA, Carlo (2011), *En Pure Perte – Le renoncement et le gratuit*. Paris : Rivages poche / Petite Bibliothèque
- PESSOA, Fernando (1965), *Mensagem, Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguilar [1934]
- RIBEIRO, Aquilino (1985), *Aventura Maravilhosa*. Lisboa: Bertrand Editora [1936]

O SEBASTIANISMO SEGUNDO JOSÉ VIALE MOUTINHO

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
(Universidade de Évora)

Está um dia de nevoeiro, húmido e ventoso, em que quase não se distingue o dia e a noite. Fecho a minha janela voltada a Sul, pela qual o vento Suão entra de assobio, e fico de testa encostada ao vidro. Lá fora tudo é idêntico e indistinto. A manhã nasce sem nascer e a noite morre sem desaparecer. Até os vultos humanos que deslizam silenciosos na rua se confundem ao espectro das árvores imóveis. O algodão espesso da névoa engoliu a substância e petrificou o movimento.

A pergunta que me assalta o espírito condiz com este dia apagado e frouxo e nada tem de forçado. O que é o sebastianismo? Deixo a janela e regresso ao interior. Abro um livro de História e procuro o verbete relativo ao décimo sexto rei de Portugal. Lidas as linhas, deixadas de lado as interpretações, digo comigo que esta vida no seu relato seco e chocante é tudo menos vulgar.

Sebastião de Portugal nasceu a 20 de Janeiro de 1554 já órfão de pai, que morreu aos 16 anos, duas semanas antes do nascimento dele; viveu pouco mais do que três meses na companhia da mãe, que regressou a Espanha, para nunca mais o ver. Estranha família! Ninguém a pode querer para modelo. Nada há nela que evoque o aconchego caloroso e estável da lapinha cristã. É antes a teoria da tragédia, repulsiva e negra, como os grandes trágicos da Grécia arcaica e clássica a vislumbraram.

Morreu depois este rei aos 24 anos, longe de casa, num plaiño ardente e desconhecido, atacado pela febre do Sol, embriagado de calor e de luz, trespassado por inúmeras cutiladas de ferro, que lhe desfiguraram sem remédio o rosto e o corpo. A cena da sua morte mais parece a dum relapso foragido à justiça do que a dum rei do século XVI – o século um de Maquiavel, em que o príncipe passa a ser um tipo e uma imagem. O seu avô, que reinou antes dele, parece que nunca precisou de passar além de Coimbra e morreu de indigestão, recostado na cama, a receber a reanimação dos físicos e a sorver purgativos. Por sua vez, o bisavô, cujo entretenimento era conferir os quintos da Índia, que ele se gabava ter descoberto, ainda teve genica na velhice para levar ao altar e aos lençóis a suposta nora mas para se finar logo depois, de exaustão, por entre almofadões de pena de pavão, a mais suave e macia, que vinha dos seus jardins do Espinheiro.

Na curta vida que ocupou, Sebastião de Portugal teve uma década de reinado ao arrepio de tudo o que seria de supor. Recusou com obstinação os casamentos que lhe foram propostos, acamaradou com homens, privilegiou o